



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

JOÃO SOMMA NETO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

JORNALISMO, INFORMAÇÃO E CIDADANIA CONTEMPORÂNEA

Resumo

A reflexão sobre o jornalismo como prática social, na atualidade, implica em depararmos com um paradoxo desafiador. A prática jornalística se apresenta também globalizada e apresenta grande potencial como elemento articulador de infinitas formas de socialização do indivíduo e da própria sociabilidade.

Ao apresentar uma dimensão política muito forte, e às vezes exacerbada ao extremo, o jornalismo se liga permanentemente com o exercício do poder e com as questões indissociáveis da cidadania numa ampla perspectiva na contemporaneidade. Temos diante de nós uma prática jornalística aparentemente voltada à busca e difusão de informações realmente importantes para a vida social, mas antes de tudo o jornalismo praticado representa interesses.

Palavras-chave:

Jornalismo
Cidadania
Prática jornalística.

Pensarmos o jornalismo como prática social, na atualidade, implica em depararmos com um paradoxo desafiador.

De um lado temos a produção jornalística, com todas suas técnicas empregadas por meio de especialização crescente; profissionais altamente qualificados; intensa divisão do trabalho utilizando tecnologia de ponta, equipamentos sofisticados que permitem a instantaneidade informativa.

A prática produtiva do jornalismo se apresenta também globalizada na sua difusão, e no modo que constitui seu "fazer" específico, apresentando grande potencial como elemento articulador de infinitas formas de socialização do indivíduo e da própria



sociabilidade. Socialização é entendida aqui como processo humano de integração, e interação, em seu sentido mais amplo e ainda como elemento fundamental no exercício pleno da cidadania.

E de outro lado o jornalismo se constitui como parte integrante do jogo de poder, onde atuam e se situam os grupos responsáveis pelos atos de decisão no contexto sócio-político e econômico, que utilizam o trabalho jornalístico tentando alcançar objetivos que permitam a manutenção desse poder.

Uma das resultantes dessa situação é a desarticulação social do indivíduo não pertencente aos segmentos hegemônicos, o que corresponde à grande maioria da população, e sua colocação numa espécie de isolamento, através da sensação de participação ativa e de inserção no mundo global onde as informações fluem com facilidade, são de fácil acesso, abundantes e de conhecimento aparentemente irrestrito. Mas, de modo geral, as pessoas acabam não sabendo ao certo o que fazer com elas e, conseqüentemente, não tendo a possibilidade de agir diante delas.

As informações são simplesmente consumidas, mas sem proveito, sem serventia nem utilidade em termos sociais, porque apesar da avalanche informativa os conteúdos são ociosos, retóricos, os significados não compreendidos em sua importância e extensão, fazendo com que as pessoas permaneçam, em sua maioria, inertes.

Para que possamos entender melhor o jornalismo temos que vê-lo como parte integrante dos processos comunicacionais e ao mesmo tempo buscar essa compreensão a partir de sua prática produtiva, que abrange num de seus pólos um vasto contingente social, sobretudo se pensarmos no caso específico da mídia eletrônica - rádio e televisão que têm maior possibilidade de atuação junto a um grande público, o qual não cultiva hábito de leitura sistemática da chamada mídia impressa.

A reflexão sobre o fenômeno jornalístico recai em possibilidades de interpretação diversas, mas é necessário atentar para a prática jornalística como elemento constituinte do conhecimento sobre a realidade, ou de aproximação representativa simbólica com o real.

Nesta medida é que ele representa também um instrumento valioso a ser usado visando garantir o direito social à informação, fundamental no que tange à liberdade



democrática de decisões e ações para qualquer cidadão.

Quando analisamos o jornalismo presentificado nos meios de comunicação, e principalmente no rádio e televisão, verificamos que ele se expressa como uma prática comunicativa inserida no bojo de uma situação complexa fundada no movimento contínuo da sociedade, formalizando-se também como atribuição e reestruturação de sentidos processados no âmbito cultural.

DIMENSÃO POLÍTICA

Ao apresentar uma dimensão política muito forte, e às vezes exacerbada ao extremo, o jornalismo se liga permanentemente com o exercício do poder e com as questões indissociáveis da cidadania numa ampla perspectiva na contemporaneidade. Assim, ele contém no interior de sua prática um caráter ideológico permanente, o qual pode levar à manipulação e obtenção do conformismo do público.

Na visão da escola de Frankfurt é essa ideologia vigente que norteia as ações comunicativas no plano da indústria cultural, onde o jornalismo está inserido, com a finalidade de garantir a manutenção do status-quo, atuando junto com outros componentes que integram as relações de poder na sociedade.

Se concordarmos com este posicionamento não há como admitir o jornalismo como algo democrático, cuja produção se basearia unicamente no atendimento das demandas existentes no "mercado", como apregoam os defensores da doutrina neoliberal.

Parece claro, quando estudamos a produção e difusão jornalística nos meios de comunicação, sobretudo a mídia eletrônica, que é considerada a diversidade de demandas manifestadas pela sociedade, mas também que outras tantas demandas são criadas, e condicionadas, através do jornalismo e das variadas formas de comunicação midiática em geral.

A atuação ideológica dos grupos hegemônicos, no entanto, também é determinante nos procedimentos técnicos adotados na produção do jornalismo, que serve como instrumento de controle, manipulação e principalmente de grande influência no pensamento coletivo.

A ideologia prevaiente é assim passada, representada e reforçada



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

simbolicamente, através da atuação jornalística dos veículos de comunicação, absorvida, raramente avaliada, repelida ou sequer refletida pelos receptores.

Mas apesar do predomínio desse tipo de atuação, isto ocorre em circunstâncias determinadas e não se dá isoladamente. Diversos autores já demonstram que vem se abrindo paulatinamente um novo espaço mediador para encaminhamento e administração dos conflitos, naturais ou não, espaço esse ocupado pelos meios de comunicação e, por conseqüência, pelo jornalismo.

Todos esses aspectos têm, necessariamente, que ser levados em conta numa reflexão séria e compromissada a respeito do jornalismo, sua produção e importância para a sociedade. Entre outras coisas são fundamentais para conhecer em profundidade a prática jornalística as regras de funcionamento dos veículos, seus sistemas de propriedade, as técnicas e fórmulas empregadas para produzir e difundir informações, bem como a natureza das relações que mantêm com os círculos do poder político e econômico.

Uma série de perguntas pode, e devem, ser formuladas exigindo respostas, as quais tem que ser convincentes. Por exemplo: quem os meios de comunicação jornalística efetivamente representam? Em nome de quem falam e como o fazem? Quem exerce realmente o direito de acesso a esses meios?

Uma vez colocadas essas questões é preciso lembrar que o processo produtivo da comunicação jornalística não se faz de forma linear e tranqüila. No seu interior há contradições que correspondem àquelas existentes na sociedade como espaço maior, como destaca Lins da Silva:

"No interior da indústria cultural há a presença permanente de contradições. Ali ocorre uma luta de classes que reflete e influencia a sociedade como um todo. Em todo o decorrer do processo da indústria cultural, da produção ao consumo, essas contradições aparecerão. No momento da criação de um telejornal o confronto se dá entre os interesses dos donos da empresa e os de seus funcionários e não se

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



traduz apenas em reivindicações e de condições de trabalho, mas também em termos do conteúdo ideológico do que irá ao ar. No momento da recepção, o confronto volta a ocorrer e se dá através das diferentes interpretações e reelaborações que cada segmento social dará ao que ver e ouvir. É evidente que não há uma homogeneidade de interesses e valores, nem entre o conjunto dos empregados da empresa televisiva nem entre qualquer segmento em que se possa fracionar o público espectador. (...) Mas também deveria ser evidente que as contradições existem tanto no momento da produção como no de recepção de um produto qualquer da indústria cultural e que ele, assim, nem representa uma manifestação monolítica da ideologia burguesa nem é consumido pela audiência de forma uniforme e passiva."¹

Em meio a todo o conjunto de contradições, que a prática do jornalismo possa conter e expressar, se estabelece uma ligação entre sua execução e sua constituição como discurso repleto de ideologia, utilizado por segmentos sociais com vistas à manutenção da hegemonia social.

Até certo ponto, nestas circunstâncias, o jornalismo é praticado dentro de um sistema que prioriza o monopólio da informação, mas ao mesmo tempo sua prática produtiva desempenha papel relevante na geração de um simulacro de exercício de cidadania oferecido como serviço ao público.

Para isso contribui também a atuação do Estado, com governos e governantes interferindo e influenciando na forma e no conteúdo das mensagens, juntamente com a ação do poder econômico dada a natureza mercantil das empresas jornalísticas de comunicação.

O oficialismo da informação é facilmente verificável, tanto do ponto de vista apenas técnico no modo de produção jornalístico quanto em termos de prevalência nos

¹ Silva, Carlos E. Lins da. "Muito além do jardim botânico". São Paulo. Summus. 1985.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



parâmetros adotados desde o agendamento temático até o a estruturação de pautas que serão transformadas no material produzido jornalisticamente.

Em que pesem a concorrência entre as empresas jornalísticas, e a característica comercial do jornalismo em busca dos "consumidores" de informação, os conteúdos veiculados, e mesmo a forma dos produtos jornalísticos, sobretudo na televisão, são muito semelhantes. Não apresentam uma pluralidade ideológica, nem mesmo percorrem caminhos alternativos que levem em conta o interesse público. Quando muito se pautam por aquilo que é denominado de "*interesse do público*", principalmente satisfazendo simples curiosidades, ou mostrando coisas grotescas, chocantes, ou ainda se travestindo de defensor dos menos favorecidos, com denúncias feitas antes para mostrar que se está ao lado daqueles que não são ouvidos nem atendidos pelo serviço público. Entretanto, raramente as soluções para os problemas apontados aparecem, nem existe uma cobrança mais efetiva junto aos responsáveis pela adoção de medidas para buscar sua solução. No máximo, o jornalismo assim praticado vai enveredando pelos meandros da denúncia fácil e do escancaramento dos problemas gerenciais do governo, quando isto interessa à própria empresa ou aos grupos a que ela está ligada, e aí é um caso onde os interesses se confundem com os da coletividade.

JORNALISMO - MERCADO E IDEOLOGIA

Confundem-se, então, o caráter político-ideológico e o caráter mercantil do jornalismo, com princípios e normas de atuação dos próprios meios de comunicação de massa. E, sendo o jornalismo uma atividade essencialmente industrial, os seus produtos podem ser adquiridos por quem se dispuser a pagar por eles. O sistema produtivo da prática jornalística está, dessa maneira, inserido dentro do sistema de produção conformado pelo capitalismo e, modernamente, pela globalização que abrange aspectos da economia, da política e com maior amplitude da cultura de cada país.

Em vista disso, podemos afirmar que o jornalismo existe antes de tudo em função da necessidade de reafirmação permanente de determinada ideologia, a qual precisa ser reconhecida e aceita, embora isto se faça de forma sutil e pouco perceptível, e de uma atividade comercial que busca resultados de acumulação e concentração de capital. Numa perspectiva secundária, no âmbito deste quadro, o jornalismo também



teria sua finalidade voltada para o desenvolvimento social e às transformações democráticas da sociedade.

A relação direta que se estabelece é entre o jornalismo, sua prática, e aquilo que ele produz de modo efetivo na condição de mercadoria. Ou como explica Marcondes Filho: "transformar um fato em notícia é também alterá-lo, dirigi-lo, mutilá-lo".²

Um dos problemas decorrentes é que a produção da notícia passa a significar uma adaptação do fato social a algo mais rentável economicamente, mediante a aplicação de técnicas e critérios pré-estabelecidos, de acordo com a lógica de produção de qualquer outro bem de consumo. Daí decorre, entre outros problemas, a espetacularização da notícia, por exemplo.

Tudo ficaria mais fácil de compreender se o jornalismo ficasse limitado a esse aspecto. Entretanto ele apresenta uma complexidade maior na condição de elemento presente no desenvolvimento de formas de socialização fundadoras da cidadania.

Perceberemos isto melhor se atentarmos para o jornalista profissional como um produtor de sentidos atuando na malha cultural da sociedade em que está situado, como enfatiza Medina.³

Numa consideração mais aprofundada, o jornalismo aparece também como devendo suprir determinadas necessidades históricas e sociais da coletividade, entre as quais está, obrigatoriamente, a necessidade de informação considerada principalmente como um direito social do cidadão.

Curioso que na maioria das vezes nos deparamos na literatura especializada com a admissão dessas necessidades vistas como algo natural, não havendo preocupação maior com a origem das mesmas. No entanto nos parece que as necessidades existentes e manifestadas pela sociedade não surgem espontaneamente, ou seja, não geram a si próprias; e sua gênese está maneira como ocorre a interação dos sujeitos, e até a sujeição do indivíduo, como também nas relações que buscam igualdade de direitos e de responsabilidades, nas relações de poder, nas relações de dominação ou libertação, que acabam interferindo diretamente no maior ou menor acesso que as pessoas têm às

² Marcondes Filho, Ciro. "O capital da notícia". São Paulo. Ática. 1986.

³ Medina, Cremilda. "Povo e Personagem". Tese de Livre Docência. São Paulo. 1987.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



informações, no tratamento dado a essas informações, na forma como acontece a captação, a reelaboração e a transmissão dessas informações.

SOCIALIZAÇÃO

Todos os pontos levantados até aqui não se fecham neles próprios, mas servem como partida para o entendimento de como o jornalismo é estabelecido como prática importante na constituição de velhas e novas formas de socialização do sujeito em nossa cultura.

Só desta forma é possível situar com um pouco mais de precisão a prática jornalística na perspectiva apresentada por Genro Filho, que vê no jornalismo um "potencial crítico e revolucionário na luta contra o imperialismo e o capitalismo; um potencial desalienador insubstituível".⁴

A atividade jornalística mantém, assim, uma ligação indissociável com a tentativa da conquista, e do exercício, da cidadania em sua plenitude, no que se refere à garantia do direito social à informação. Estar informado, e ter a possibilidade de conhecimento do que acontece, dispor de dados que levem à reflexão sobre situações de suma importância na vida social quer em seus aspectos políticos, econômicos, éticos, culturais ou científicos, tomando decisões e as colocando em prática, significa exercer com dignidade a cidadania.

Portanto, o jornalismo tem de fato um enorme potencial, que por enquanto se limita a esta condição. É necessário então desenvolver este potencial, através de mudanças profundas em sua essência, tanto do ponto de vista teórico como na prática, no dia a dia da profissão.

O fazer jornalístico tem que ter no profissional um agente mediador, que apreende, interpreta, reelabora e produz sentidos por meio de uma exposição às manifestações emanadas da dinâmica sócio-cultural em que vive e se relaciona com outros sujeitos como ele próprio.

Outra consequência seria uma revisão conceitual a respeito de noções tradicionais de objetividade, imparcialidade, neutralidade e isenção, que balizam o trabalho jornalístico.

⁴ Genro Filho, Adelmo. "O Segredo da Pirâmide". Porto Alegre. Ortiz.1989.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Sem esses requisitos a grande maioria da população atingida pelos produtos da prática jornalística, e na dependência do discurso jornalístico transmitido, continuará exercendo uma cidadania de segunda categoria, marcada pela negação do direito à informação e pela produção simbólica de significados alienadores, condicionantes, manipuladores e influenciadores que reproduzem e legitimam valores e visões dos estratos hegemônicos da sociedade.

A conexão entre jornalismo como prática comunicativa e as formas diversas de socialização exige ainda conhecimentos históricos acerca da cidadania como direito. A concepção de cidadania se liga ao desenvolvimento urbano industrial capitalista no século XVIII, época em que as relações sociais começam a se realizar no interior de uma complexa rede de determinações entre os indivíduos e entre eles e a sociedade.

Com a intenção de valorizar uma possível igualdade formal entre as pessoas são condicionadas novas obrigações e novos direitos individuais e sociais, fundando o conceito de cidadania, que de certo modo camufla as desigualdades reais disseminadas no funcionamento da sociedade.

CIDADANIA E GLOBALIZAÇÃO

A cidadania tal como é concebida na sociedade capitalista burguesa passa a envolver uma questão de base que é a contradição entre postulados de igualdade formal, e a realidade de exploração das camadas populares pelos detentores do capital e do poder político, realidade esta forjada no compromisso com as desigualdades econômicas, políticas e sociais.

Mesmo no contexto de um "novo" cenário internacional globalizado e transnacional não se verificam mudanças significativas que possibilitem inserir a cidadania numa nova perspectiva.

O ordenamento do mundo não se dá mais, é verdade, unicamente pelas relações entre instituições representativas dos Estados, porque as grandes redes de comunicação - informação não estão sujeitadas a territorialidade e tampouco estão os fluxos imateriais de informações produzidos, onde se localiza o jornalismo, mas as transformações e evoluções da tecnologia não implicam necessariamente em alterações sociais de relevância, pelo contrário.



Há uma deslocação do centro de gravidade da sociedade em direção ao mercado, visto agora como principal fator de regulação, fazendo prevalecer os valores do interesse privado na medida em que ocorre recuo das forças sociais e administrativas do Estado.

Neste contexto as atividades comunicativas, que incluem o jornalismo, valorizam sobremaneira a técnica e o emprego de equipamentos de última geração, com exigências maiores de especialização e profissionalização. As estratégias de comunicação tomam como referência a matriz empresarial experimentada no mercado, balizando o jornalismo e outras formas comunicacionais coletivas tanto locais como nacionais ou transnacionais.

A globalização traz consigo a padronização universal das relações no âmbito da sociedade, que se estendem à prática jornalística, e se admite o capitalismo como única forma possível de vida "democrática".

Bons exemplos disso são encontrados na cobertura internacional apresentada nos telejornais que chegam diariamente em nossas casas, mostrando a crise na Argentina, os conflitos no oriente médio, os golpes e contragolpes na Venezuela, entre outras situações.

Trata-se de uma forma totalizante, e ao mesmo tempo muito limitada de conceber a humanidade, a qual teria atingido um horizonte intransponível, porque não se pode deixar de lado o caráter de construção social em permanente ebulição histórica.

Na sociedade midiática, o ideal de emancipação está baseado na pluralidade, mas seus integrantes não são necessariamente mais esclarecidos, mais educados e mais conscientes, nem o jornalismo é ainda mais esclarecedor e conscientizador.

Temos diante de nós uma prática jornalística aparentemente voltada à busca e difusão de informações realmente importantes para a vida social, mas antes de tudo o jornalismo praticado representa interesses, fala e influencia em nome desses interesses sutilmente presentes nos produtos elaborados e transmitidos a um público ávido, consumidor de notícias, as quais em essência atuam na construção parcial de uma realidade mostrada como verdade imediata.

BIBLIOGRAFIA



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- BARROS FILHO, Clóvis.* Ética na comunicação: da informação ao receptor. São Paulo. Moderna, 1995.
- BUCCI, Eugênio.* Brasil em tempo de TV. São Paulo. Jinkings, 1997.
- FERRÉS, Joan.* Televisão Subliminar. P. Alegre. Artmed, 1998.
- GENRO Fº, Adelmo.* O Segredo da Pirâmide - Para uma teoria marxista do Jornalismo. Porto Alegre. Ortiz, 1989.
- GUARESCHI, Pedrinho e outros.* Os Construtores da Informação: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis. Vozes, 2000.
- JESPERS, Jean-Jacques.* Jornalismo Televisivo. Coimbra. Minerva, 1998.
- KARAM, Francisco J.C.* Jornalismo, ética e liberdade. São Paulo. Summus, 1997.
- LAGE, Nilson.* Controle da Opinião Pública: um ensaio sobre a verdade conveniente. Petrópolis. Vozes, 1998.
- LOPES, Dirceu F; SOBRINHO, José Coelho (org.).* Edição em Jornalismo eletrônico. São Paulo. Edicom: 2.000.
- MACHADO, Arlindo.* A televisão levada a sério. São Paulo. SENAC, 2000.
- MACIEL, Pedro.* Jornalismo de Televisão. P. Alegre. Sagra-Luzatto, 1995.
- MARCONDES FILHO.* Televisão - a vida pelo vídeo. São Paulo. Moderna, 1988.
- MARCONDES Fº, Ciro.* O Capital da Notícia. São Paulo. Ática, 1986.
- MATTELART, Armand & Michele.* História das Teorias da Comunicação. São Paulo. Loyola, 1999.
- MEDINA, Cremilda.* Povo e Personagem. Tese de Livre-docência. São Paulo. ECA USP, 1987.
- MERCIER, Arnaud.* Le Journal Télévisé. Paris. Presse de Sciences, 1996.
- PATRICIO, Djalma.* Poder, Grupos de Pressão e Meios de Comunicação. Blumenau. EFURB, 1998.
- REZENDE, Guilherme J.* Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo. Summus, 2000.
- RÓGLAN, Manuel et EQUIZA, Pilar.* Televisión y Lenguaje. Barcelona. Ariel, 1996.
- RUBIM, Antonio A.C.* Comunicação e Política. São Paulo. Hacker, 2000.
- SERVA, Leão.* Jornalismo e Desinformação. São Paulo. Senac, 2001.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SILVA, Carlos Eduardo L. da. Muito Além do Jardim Botânico. São Paulo. Summus, 1985.

SOMMA Neto, João. Discurso Governamental e Prática Jornalística no Paraná (1987 - 1998). Dissertação de Mestrado. São Paulo. ECA-USP, 1994.

YORKE, Ivor. Jornalismo diante das Câmeras. São Paulo. Summus, 1998.